



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Dostoiévski-trip
**A experiência como vestígio,
entre entropias e aporias**

Dostoevsky-trip
***Experience as a vestige,
between entropies and aporias***

Autor: Matteo Bonfitto

Edição: RUS Vol. 13. Nº 21

Data: Abril de 2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.195202>

BONFITTO, Matteo. Dostoiévsky-trip: a experiência como vestígio, entre entropias e aporias. RUS, São Paulo, v. 13, n. 21, pp. 88-97, 2022



Dostoiévski-trip

A experiência como vestígio, entre entropias e aporias

Matteo Bonfitto*

Resumo: Esse escrito-ensaio se propõe a estabelecer uma relação agonística com *Dostoiévski-Trip*, obra do escritor e dramaturgo russo Vladimir Sorókin. Nesse sentido, ao invés de desenvolver uma análise dramaturgical *tout court* dessa obra, a utilizo aqui como um dispositivo catalisador de tensões e vetores geradores de múltiplas implicações a fim de percebê-la como um material que nos mostra um mundo tragicamente possível, habitado por aporias e permeado somente por vestígios de experiências.

Abstract: This essay-writing proposes to establish an agonistic relationship with *Dostoevsky-Trip*, a work of Russian writer and playwright Vladimir Sorókin. In this sense, instead of developing a *tout court* dramaturgical analysis of this work, I use it here as a catalyst of tensions and vectors that generate multiple implications, in order to perceive it as a material that shows us a tragically possible world, inhabited by aporias and permeated only by traces of experiences.

Palavras-Chave: Dramaturgia; Experiência; Dostoiévsky; Entropia; Aporia
Keywords: Dramaturgy; Experience; Dostoevsky; Entropy; Aporia

* Professor titular do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), diretor artístico do Núcleo Performa e ator-performer; <https://orcid.org/0000-0001-5961-1082>; matteobonfitto@gmail.com

A reflexão compartilhada aqui em forma de texto-ensaio emerge de um profundo desconforto, ainda não elaborado, produzido pela leitura de *Dostoiévski-Trip*, escrita pelo escritor e dramaturgo russo Vladimir Sorókin, leitura essa ocorrida graças à indicação de Arlete Cavaliere. Do desconforto veio então o estranhamento, seguido pela abertura de uma fissura que, aos poucos, vai se transformando em um portal.

A fuga dos sentidos

Uma situação concreta, revelada gradualmente, é colocada já na abertura da peça: em um lugar indefinido, a espera, mais e mais tensa, por parte de sete personagens – Homem 1, Homem 2, Homem 3, Homem 4, Homem 5, Mulher 1 e Mulher 2 – de alguém que se revela mais tarde um traficante de drogas. A agilidade dos diálogos, aspecto esse que intensifica a temperatura das cenas que compõem um ato único, fazem referência a uma expressiva quantidade de célebres escritores da literatura mundial, de Tolstói e Gógol a Genet, de Kafka a Beckett. Como aponta Cavaliere, aos poucos nos damos conta de que esses nomes se referem a substâncias desconhecidas e revelam uma atitude utilitária, de consumo de mercadorias e de coisificação dessas referências e de suas respectivas obras, geradoras de prazeres fugazes. Com a chegada do traficante, uma nova droga é experimentada – nomeada como Dostoiévski – assim, uma camada narrativa inesperada é agregada ao material dramaturgico. Ao se submeterem a esse novo experimento alucinógeno, as personagens passam a atuar/evocar personagens de *O Idiota*, de Dostoiévski – Nastácia Filíppovna, o Príncipe Mychkin, Hippolit, Gania Ivólguin, Vária Ivólguina e Liébedev –, mas logo nos damos conta que es-

sas incorporações ou metamorfoses se manifestam sobretudo como “hipertrofias grotescas desses caracteres (...) levadas ao paroxismo do absurdo e da loucura”. Em seguida, com a diminuição do efeito causado pela droga nova, as personagens voltam à condição anterior, mas agora tal condição carrega consigo sequelas evidentes, dando espaço para monólogos e depoimentos que intensificam ainda mais a sensação de caos e de fragmentação. Por fim, a peça se conclui com a suposta morte das personagens, fato esse que nos leva ao diálogo final entre o traficante e o químico, em que constata-se o efeito mortal da nova droga quando utilizada em seu estado puro e vislumbram a possibilidade de diluí-la utilizando uma outra substância: Stephen King.

Terminada a leitura de *Dostoiévski-Trip*, vivo literalmente um momento de suspensão, onde não é possível fazer qualquer consideração específica e consistente; permaneço assim, contemplando a produção de sentidos que parecem resistir a qualquer interpretação apaziguante. Alguns dias se passam e mergulho então nas elaborações feitas por Cavaliere, que envolvem desde aspectos ligados à tradução até conexões entre a obra de Sorókin e múltiplas referências, desde as mais distantes, como o formalismo russo, até as mais recentes, como a pós-modernidade e o desconstrucionismo, dentre outras. Extremamente esclarecedoras e mesmo reveladoras em muitos níveis, as observações multifacetadas de Cavaliere, que buscam capturar a complexidade fugidia de Sorókin, intensificaram em mim o reconhecimento de perguntas latentes que parecem permear as fissuras e entranhas de *Dostoiévski-Trip*: diante do aparente esfacelamento cognitivo e da rarefação perceptiva, aspectos esses materializados pelas personagens presentes nessa obra, é possível reconhecer a manifestação de experiências vividas? Quais seriam as condições possíveis de experiência hoje? Caso existam tais condições, de qual regime de experiência estamos falando?

Peripécias Entrópicas

Tais perguntas emergem de uma convergência de fatores presentes em *Dostoiévski-Trip*, já mencionados acima, e que parecem levar ao escancaramento de um nível de desordem perceptiva, ética e política que beiram a entropia. Noção emprestada da termodinâmica, que, dentre outras coisas, se propõe a medir o nível de desordem de um sistema, desordem essa que pode implicar na dissolução desse mesmo sistema, a entropia, agora tornada metáfora, gerada por essa obra de Sorókin, agiu sobre mim como uma lâmina que produz um corte a partir do qual assumo uma atitude de recuo. Em outras palavras, essa obra de Sorókin, mais do que ser percebida nesse caso como um material dramaturgico a ser analisado, passou gradualmente a funcionar como algo que me faz querer ultrapassar decifrações interpretativas para abrir espaços de problematização e ampliação perceptiva. É, portanto, a partir desse processo que as questões colocadas acima devem ser vistas, ou seja, como efeitos subjetivos inesperados, geradores, por sua vez, de desdobramentos igualmente não planejados. O estranhamento causado pela obra de Sorókin me desloca daquilo que reconhecia como “meus modos de percepção”, me reposiciona e faz nascer em mim um olhar despreparado, distante das aplicações utilitárias do supostamente já sabido. Tal recuo me mobiliza e me faz rever pressupostos, conscientes e tácitos, relacionados com diferentes condições de possibilidade: de relação, de experiência e de modos de existência. É a partir dessa trajetória que me deparo, uma vez mais, com a necessidade de refletir sobre as condições de possibilidade do experienciar, foco deste escrito.

O cultivo de experiências como antídoto?

O ato de refletir sobre a noção de experiência adquire aqui, assim, um caráter de possibilidade, que busca lidar, agnósticamente, com questões e aspectos que parecem permear, intencionalmente ou não, essa obra de Sorókin. Consciente da gigantesca amplitude que a noção de experiência abre, e dada a brevidade dessa reflexão, chamo aqui em causa referências específicas, alinhadas com a atitude de recuo assumida por mim nesse caso.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (*experimental*). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. (...) A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “existe” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Er-fahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo. (...) Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che ci succede” ou “quello che ci accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

Uma vez reconhecidas algumas implicações etimológicas associadas à noção de experiência, Jorge Larossa Bondía, tendo como suporte referências importantes como Walter Benjamin (1991), aponta fatores que podem ser vistos como possíveis obstáculos para a sua instauração, tais como o excesso de informação, o excesso de opinião e a relação com o tempo.

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação (...) porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação.

(...) a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. (...) um sujeito informado (...) alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. (...) Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. (...) [Walter] Benjamin dizia que o periodismo é o grande dispositivo utilizado para a destruição generalizada da experiência. (...). E o fato de o periodismo destruir a experiência é algo mais profundo e mais geral do que aquilo que derivaria do efeito dos meios de comunicação de massas sobre a conformação de nossas consciências.

(...) Tudo o que se passa passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. (...) A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre

acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito.

Após apontar tais obstáculos, Bondía reflete sobre elementos que podem contribuir para a criação de condições de possibilidade, para que experiências sejam possíveis.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Bondía, 2002:24)

Há em Bondía o reconhecimento de uma cisão profunda, a partir da qual é possível pensar, com o auxílio de Heidegger (1987), sobre as condições de cultivo de “sujeitos de experiência”.

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (...) Em Heidegger (1987) encontramos uma definição de experiência em que soam muito bem essa exposição, essa receptividade, essa abertura, assim como essas duas dimensões de travessia e perigo que acabamos de destacar:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma.

Seria possível reconhecer nesse olhar sobre a experiência um caminho para lidarmos com o esvaziamento espectral reverberado pelas personagens presentes nessa obra de Sorókin e reconhecível hoje em diferentes realidades e contextos de nosso ainda sobrevivente planeta? Nesse sentido, a própria noção, ou noções de experiência precisam ser destiladas, sobretudo em função da progressiva banalização do termo. De fato, ele passou a ser utilizado para atrair ainda a atenção para os mais variados produtos e serviços, desde cafés até automóveis, desde perfumes e artigos de luxo até cigarros, chás etc... todos sendo mais-que-produtos, múltiplos instauradores de *experiences*. Mihaly Csikszentmihalyi, através de suas propostas em torno da noção de “fluidez” (*flow*), em que percebe a atenção como energia psíquica e parâmetro fundamental para a distinção entre experiência e a mera produção de estímulos, pode ser percebido, dentre outros – como não pensar em Foucault e suas reflexões sobre o “cuidado-de-si”, ou em Hanna Arendt e suas elaborações sobre a ação – como mais uma referência importante nesse campo de estudos sobre a experiência. De qualquer forma, não se trata aqui de perceber as elaborações dess@s autor@s como soluções desse aparente beco-sem-saída apontado por Sorókin, mas como indagações que nos fazem perceber o sujeito como processo, em sua dinâmica contínua, que envolve, por sua vez, a construção e transformação de subjetividades.

Campos de Batalha: subjetivações aporéticas

As referências apontadas aqui parecem entrever, ainda que de diferentes maneiras, possibilidades ligadas ao cultivo de sujeitos de experiência, sujeitos esses bem distintos das carcaças em decomposição representadas em *Dostoiévski-Trip*.

Tal percepção, como apontado acima, longe de nos levar em direção a um novo projeto universalizante, pode nos fazer reconhecer, também com Sloterdijk, a falência do projeto humanista europeu. Ao nos depararmos, na última cena dessa obra de Sorókin, com o diálogo entre o traficante e o químico, somos levados a reconhecer, com um gosto amargo, não mais simplesmente a degeneração do humano, mas a pluralidade de tipos de humanos que, distantes de qualquer olhar homogêneo e idealizante, convivem em um campo de batalha, produzindo campos de tensão, de controle e de manipulação perceptiva e dando vida a variadas *trips*, jogos sem regra explícitas, geradores de enigmas sem solução.

Se Bondía se refere às experiências como aquilo que nos passa e nos atravessa, em Sorókin tais passagens e atravessamentos, e suas respectivas marcas, soam como memórias longínquas, quase ingênuas, como que apagadas pelo tempo, deixando somente fugazes e imperceptíveis vestígios.

Ainda assim, a experiência, vista aqui como *constructo* existencial singular, faz ressoar outras perguntas. Uma delas:

- a qual noção de humano queremos nos reconhecer?

Referências Bibliográficas

ARENDETT, Hanna. *The Human Condition*. Chicago: University of Chicago Press. 1958.

BENJAMIN, Walter. (1991). "El narrador". In: *Para uma crítica de la violencia y otros ensaios*. Madrid: Taurus, p. 111. Edição brasileira: (1994). "Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura". In: *Obras escolhidas*. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, vol. I.

BONDÍA, Jorge Larrosa. (2002). "Notas sobre a experiência e o saber de experiência", In: *Revista Brasileira de Educação*. ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Tradução de João Wanderley Geraldi. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, 2001.

CAVALIERE, Arlete. "A Beleza Salvará o Mundo": Vadimir Sorókin e os Dilemas da Cena Russa Contemporânea", In: CAVALIERE, Cavaliere e VÁSSINA, Elena (Orgs). *Teatro Russo. Literatura e Espetáculo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011, pp. 301-315.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Flow: The Psychology of Optimal Experience*. New York: Harper, 1991.

HEIDEGGER, Martin. (1987). "La esencia del habla". In: *De camino al habla*. Barcelona: Edicionaes del Serbal.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano - uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução de José Oscar de A. Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SORÓKIN, Vladimir. *Dostoiévski-trip* (Tradução de Arlete Cavaliere). São Paulo: Editora 34, 2014.

Recebido em: 22/02/2022

Aceito em: 28/03/2022